

CONHECIMENTO E DEFINIÇÃO NO *MÊNON* DE PLATÃO

Rodolfo Izaias Barbosa (PIC/UEM), Mateus Ricardo Fernandes Ferreira (Orientador), e-mail: rodolfoizaias@outlook.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá

Filosofia / História da Filosofia

Palavras-chave: Epistemologia, investigação, Platão.

Resumo

O presente trabalho consiste em um estudo do diálogo *Mênon* de Platão, tendo como objetivo analisar a concepção de conhecimento subjacente às alegações socráticas de ignorância e ao paradoxo de Mênon, que lança dúvidas sobre a possibilidade de se empreender uma investigação. Busca-se compreender qual o papel que definições exercem nessa argumentação e compreender como a noção de crença verdadeira auxilia na resolução desse paradoxo.

Introdução

O *Mênon* de Platão se inicia com o personagem homônimo perguntando sobre a forma pela qual se adquire a virtude ($\alpha\rho\epsilon\tau\acute{\eta}$), se pode ser ensinada, adquirida pelo exercício, dada por natureza ou adquirida de outra forma. Diante da complexidade da questão colocada abruptamente por Mênon, Sócrates alega não saber, absolutamente ($\tau\acute{o}\ \pi\alpha\rho\acute{\alpha}\pi\alpha\nu$), o que seja a virtude, frustrando a expectativa do interlocutor. Nesse contexto, Sócrates introduz o *Princípio da Prioridade da Definição* (cf. SCOTT, 2006, p. 20-22; EBREY, 2014 p. 3). Trata-se, em suma, do princípio de que não se pode saber como uma coisa é ($\pi\omega\iota\acute{o}\nu$), ou qualquer qualidade de algo, sem saber o que essa coisa é ($\tau\acute{\iota}$) (cf. 71b1-3). Esse princípio é suscitado, sobretudo, nos diálogos platônicos iniciais, chamados também de ‘socráticos’ (cf. FINE, 2015, p. 237). Sócrates supõe que é necessário saber a definição de algo para que se possa saber qualquer propriedade ou característica sobre esse algo. Aplicando esse princípio ao contexto do diálogo, tem-se que não se pode saber se a virtude é ou não ensinável sem saber o que ela é.

No que se segue à negação de conhecimento por parte de Sócrates, o filósofo exorta Mênon a responder a questão ‘o que é a virtude?’. A partir daí Mênon tenta por três vezes, sem sucesso, defini-la. Suas tentativas são refutadas, primariamente, por critérios fornecidos por Sócrates a respeito de como deve ser uma definição, principalmente quanto à sua necessária ‘unidade’. Vale notar ainda que, na crítica de Sócrates à terceira tentativa de

Mênon em definir a virtude, amplia-se a restrição de conhecimento imposta pela prioridade da definição. Sócrates afirma que não se pode saber quais são as partes de algo sem saber o todo desse algo (79d6-e3). Com isso, têm-se que, segundo a prioridade da definição, não se pode saber como uma coisa é ou quais são suas partes sem saber o que essa coisa é. Sem a definição da virtude, aparentemente, não se pode saber nada sobre a virtude. Diante da frustração em definir a virtude, Mênon levanta um paradoxo que problematiza, em suma, a possibilidade da investigação socrática.

Mênon propõe um desafio eminentemente epistemológico sobre a possibilidade mesma da investigação e da descoberta. Em resposta ao paradoxo, Sócrates introduz a Teoria da Rememoração, segundo a qual a alma é imortal e conhecedora de todas as coisas. Nesse sentido, buscamos elucidar o significado e a dimensão do paradoxo e se a rememoração pode ou não servir-lhe como resposta. Além de representar um ponto marcante para certa descontinuidade entre as perspectivas filosóficas de Sócrates e Platão, o paradoxo de Mênon e suas consequências levantam uma discussão epistemológica importante, que tem várias reverberações em autores posteriores.

Materiais e métodos

O principal material dessa pesquisa foi o diálogo *Mênon* de Platão. A tradução em língua portuguesa que seguimos foi a de Maura Iglesias (cf. PLATÃO, 2001). As principais interpretações com que lidamos neste trabalho foram as de Dominic Scott (cf. SCOTT, 2006), Gail Fine (cf. FINE, 2015) e David Ebrey (cf. EBREY, 2014). As interpretações foram mobilizadas tanto para melhor compreensão de alguns passos argumentativos do texto de Platão como também para oferecer diferentes modos de compreender as nuances e os problemas que estão em jogo no diálogo, especialmente sobre o paradoxo levantado pelo interlocutor principal em 80d5-e. De um modo geral, a nossa pesquisa pode ser enquadrada como conceitual, uma vez que lida com conceitos, definições e argumentos.

Resultados e Discussão

Com um bom exame do paradoxo em relação a psicologicamente sócrático nos revela, o argumento é mais que um mero sofisma ou trapaça verbal, mas, como diz White (1995, p. 4), um gerador de náuseas. O estabelecimento do paradoxo é, em verdade, genuíno e bem motivado por Mênon, constituindo um sério desafio metodológico para o *elenchus* sócrático (cf. NEHAMAS, 1965, p. 8; FINE, 2013, p. 247). O paradoxo de aprendizagem em *Eutidemo* (271 d1-6), por exemplo, é resolvido mediante uma rápida exposição de ambiguidade própria da palavra 'aprender' (μανθάνειν), podendo ser usada tanto para aquele que sabe como para aquele que não sabe. Apesar da semelhança com o paradoxo de Mênon,

Platão não utiliza a mesma abordagem de solução, muito provavelmente porque não Mênon a problemática recai diretamente sobre a postura investigativa de Sócrates, além de proporcionar um terreno propício para a apresentação de uma teoria usada do conhecimento. Não é à toa que a teoria da reminiscência marca o caráter transicional do diálogo Mênon. Se a Teoria da Reminiscência é introduzida para responder o paradoxo e a subsequente conversa de Sócrates com o escravo é feita para sustentar a Teoria, então a conversa com o escravo está lá para responder ao paradoxo de Mênon. Essa conversa se dá, por sua vez, nos mesmos moldes do *elenchus* realizado por Sócrates com Mênon.

O paradoxo, tal como apresentado por Mênon, pode ser dividido em três partes: “(a) E de que modo procurarás, Sócrates, aquilo que não sabes absolutamente (*τὸ παράπαν*) o que é? (b) Pois procurarás propondo-te <procurar> que tipo de coisa, entre as coisas que não conheces? (c) Ou, ainda que, no melhor dos casos, a encontres, como saberás que isso <que encontraste> é aquilo que não conhecias?” (80d5-e). Trata-se, sobretudo, da necessidade de uma referência para a investigação. O ato da procura, no caso ordinário, é guiado por uma descrição precisa ou vaga do que se procura. Por exemplo, na procura por um cão perdido, faz-se necessário ter alguma noção de marcas características do cão, tal como o tamanho, a cor do pelo ou o tom do latido. No caso da procura socrática, porém, não são claras as marcas características do objeto que se investiga.

O sucesso da procura por um cão perdido se dá precisamente porque se identificam as marcas características do objeto achado com as marcas que serviram como guia para proceder a busca. Para descobrir algo, evidentemente, deve-se poder identificar o objeto descoberto com o que foi objeto de investigação. Logo em seguida, Sócrates reformula o argumento apresentado por Mênon na forma de um dilema construtivo (80e-81). Nesta reformulação, ligeiramente diferente do argumento original, o caráter paradoxal do problema se amplifica. Pois, no argumento original, Mênon ataca a possibilidade de investigar somente no estado de ignorância absoluta sobre um assunto e não, como Sócrates adiciona, no estado de conhecimento absoluto sobre um assunto. Percebe-se que Sócrates supõe que Mênon partilha da perspectiva *tudo ou nada* de conhecimento. Além disso, Sócrates omite a terceira proposição do desafio de Mênon, o chamado ‘Problema da Descoberta’, bem como não faz menção a ‘*τὸ παράπαν*’, cuja primeira aparição se dá pela boca de Sócrates, ao negar o conhecimento sobre a virtude (cf. 71b1-3).

De qualquer maneira, a Teoria da Rememoração é apresentada logo em seguida para solucionar o problema (cf. 81a5-d). Porém, é notória a falta de correspondência da Teoria para com os termos colocados pelo paradoxo. Ao longo da “demonstração” da rememoração feita por Sócrates com um escravo de Mênon, o filósofo, além de demarcar a importância da *aporia* e da profissão da própria ignorância no processo de investigação (84b-d), faz menção às “crenças verdadeiras” que surgem na alma do escravo (85c-d). Nesse sentido, há quem julgue que a rememoração, em si, não resolve o paradoxo, e que há outros elementos – a noção de crença verdadeira, um

correto entendimento da prioridade da definição – no próprio diálogo, especialmente na conversa de Sócrates com o escravo de Mênon, que contribuem para uma solução genuína (cf. FINE, 2013; SCOTT, 2018). Há também quem defenda que a rememoração é a solução mesma para o problema (cf. NEHAMAS, 1985; VLASTOS, 1965), e mesmo quem julgue que, para que a rememoração seja suficiente para resolver o impasse, essa noção deve ser entendida em ligação direta com a sua aparição no diálogo *Fédon* (cf. KAHN, 1996, p. 150). Por fim, há também quem defenda que não há uma solução objetiva ao paradoxo, pois seu estabelecimento é motivado pela descrença de Mênon na investigação e sua repulsa pelo *elenchus* socrático, contido especialmente na acusação da ‘raia elétrica’, que precede a colocação do paradoxo (cf. EBREY, 2014).

Conclusões

A problemática imposta pelo paradoxo de Mênon representa, certamente, um momento importante e decisivo da obra de Platão, tanto para colocar em dúvida a ignorância socrática, bastante reiterada nos diálogos iniciais, como também para introduzir teses eminentemente novas, como a Teoria da Rememoração, a distinção entre crença verdadeira e conhecimento e o método hipotético. Essas observações fundamentam a crença de que o *Mênon* é um diálogo “transicional”, situado entre os diálogos iniciais e os diálogos intermediários de Platão. Ademais, nossa abordagem buscou uma análise das bases subjacentes ao paradoxo, de modo a elucidar os requerimentos socráticos para a definição e também os diversos modos de interpretação e solução do problema suscitado pelo paradoxo.

Agradecimentos

Agradecemos ao Professor Orientador e ao Departamento de Filosofia da UEM pela realização deste projeto.

Referências

- FINE, G. Investigação no *Mênon*. In: KRAUT, R. **Platão**. Trad. Saulo Krieger. São Paulo: Ideias & Letras, 2013, p. 237-267.
- EBREY, D. Meno’s Paradox in Context. **British Journal for the History of Philosophy**, p. 1-21, 2014.
- NEHAMAS, A. Meno’s Paradox and Socrates as a Teacher. **Oxford Studies in Ancient Philosophy**, v. III, p. 1-30, 1985.
- PLATÃO. **Mênon**. Trad. Maura Iglésias. Versão bilíngue. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RJ, Edições Loyola, 2001.
- SCOTT, D. **Plato's Meno**. New York: Cambridge University Press, 2006.
- VLASTOS, G. Anamnesis in the *Meno*. **Dialogue**, nº. 4, p. 143-167, 1965.
- WHITE, N, P. Inquiry. **Review of Metaphysics**, nº. 28, p. 289-310, 1974.